

SOBRE A PESSOA ENTREVISTADA

Betânia Barbosa, estudante da UFAL, 41 anos. Nasceu na cidade de Correntes, em Pernambuco. É discente de curso de graduação, no oitavo período de Serviço Social, Bacharelado. Betânia nos conta seu relato a partir da perspectiva de uma pessoa com deficiência dentro da Universidade.

Palavras-chaves: Direitos Humanos. Pessoa com deficiência; Assistência. Vida estudantil. Narrativas de vida. Resistências.

ENTREVISTA

Ione Miranda: Como nasceu seu envolvimento inicial pela temática?

Betânia Barbosa: “(...) Até meus 18 anos, eu não tinha tido quase nenhum contato ou convivência direta com pessoas com deficiência. É bem verdade que conhecia algumas, mas nunca tive contato direto a ponto de tê-las como referência ou exemplo que contribuísse para minha futura condição física. Só após um acidente com a mesma idade, que me deixou cadeirante, comecei a conhecer e a vivenciar inúmeras situações tristes, dentre elas, as limitações pessoais e constrangedoras que só uma pessoa deficiente é obrigada a passar todos os dias por falta de Acessibilidade.”

“Há 22 anos, tínhamos uma sociedade bem mais despreparada e negligente, é fato. Hoje, já é possível perceber as mudanças e transformações que contribuíram para uma melhor qualidade de vida direcionadas a esse público. Passei então a frequentar e conhecer instituições voltadas à Pessoa com Deficiência, possibilitando engajamento na causa e conhecimento a respeito das lutas, com relação e formação profissional, entre outros. Mesmo sendo algo distante por falta de acesso, hoje podemos contar com determinadas conquistas como algumas políticas públicas que nos proporcionaram melhor assistência. Através de debates e construção de diálogos em espaços antes violados aos PCDs. Mesmo nos dias atuais, continuamos convivendo com inúmeras limitações e

descaso que precisam ser cobrados incessantemente visando garantir o mínimo de que precisamos para viver melhor na sociedade.”

“Minha luta é comum para todas as pessoas com deficiência, buscando garantias de direitos e, contribuindo para que as próximas pessoas que nascerem com algum tipo de deficiência ou que se tornaram por consequências de sequelas patológicas ou acidentes tenham mais perspectivas de vida. Assim, sigo em uma luta árdua e diária para chegar ao meu propósito: minha formação profissional, a palavra desistir não faz parte do meu vocabulário e essa é minha pouca contribuição às novas e futuras geração de PCDs, que também ocuparam os espaços que eu estou e não penso em só essa formação, quero ir para além do mestrado, quem sabe um doutorado.”

Ione Miranda: O que você pode relatar sobre resultados e, de alguma forma, quais contribuições da luta social tem refletido na sua vida pessoal e profissional?

Betânia Barbosa: “Vivendo como pessoa com deficiência física há 22 anos, posso afirmar que já tivemos uma grande conquista. A sociedade vem se adaptando aos poucos em um processo lento. Hoje, já é possível perceber essas transformações. Elas trouxeram melhorias e qualidade de vida às pessoas que vivem com deficiência e algumas limitações, não apenas em Maceió, mas em muitos lugares com desenvolvimento mínimo. Dentre estas conquistas, a mais conhecida é a Lei de cotas que obriga, mas infelizmente ainda não cumpre seu objetivo com a eficácia que precisamos e merecemos. Embora ainda existam muitas cidades do Brasil com pouca ou nenhuma acessibilidade, ainda assim, precisamos reconhecer nossas conquistas, a Lei de cotas é um marco para a sociedade, garantindo direitos e reconhecendo a pessoa com deficiência como parte integrante da sociedade. O que não podemos deixar de perceber é que, nos dias atuais, ainda percebemos as inúmeras lacunas que permanecem nos restringindo a lugares de conquista e direitos: seja pela falta de acessos ou pela falta de representação ativa e atuante onde mais precisamos.”

Entrevista com Betânia Barbosa

“Quando falo em restrição de acesso me coloco diretamente nesse lugar cheio de dificuldades que encontro no meu dia-dia, na minha vida, em atividades cotidianas como o acesso à universidade e aos vários espaços do campus, fazendo valer meus direitos garantidos por lei, mesmo sem sentir garantias de permanência.”

“Demorei muito para chegar à Universidade Federal de Alagoas. Foi um longo processo, cursinho pré-vestibular, ENEM e, finalmente, a aprovação e a chamada para a realização da matrícula.”

“Para realização da prova do ENEM, fui direcionada a realizar as provas em um bairro que fica a mais de uma hora e meia de onde eu moro e precisei usar uma caneta comum igual aos outros alunos porque não tive acesso a informações que pudesse contribuir para que eu fizesse uso de uma caneta adequada conhecida por "porosa" de fácil escrita, tornando a redação mais difícil de ser escrita por causa da minha deficiência.”

“Em todos esses processos, tive dificuldades de acesso: no cursinho pré-vestibular, a falta de mesa e banheiros adaptados, a falta de iluminação e segurança durante todo percurso dentro da universidade, além do péssimo acesso ao bloco de nutrição da UFAL, onde aconteciam às aulas de segunda a sexta-feira e, algumas vezes, aos sábados.”

“Quando tive a confirmação que tinha sido aprovada no ENEM, precisei me deslocar para realização da matrícula na UFAL e me deparei com outras dificuldades de acesso, passarela sem acesso por falta de rampas dos dois lados, falta de faixas de pedestres, o que seria seguro ter abaixo da passarela, me obrigando a seguir em direção contrária na contra mão até o outro lado da parada de ônibus. Um detalhe: o elevador que me daria acesso seguro até o local da inscrição não funcionava há muito tempo. Então, fui convidada pelos responsáveis e o segurança da biblioteca a ser praticamente rebocada para o piso de baixo por terceiros para descer de ré, uma ladeira extremamente íngreme sem segurança alguma, correndo o risco de me machucar e machucar os que me auxiliavam. Afirmo que foi uma situação extremamente constrangedora. Só consegui realizar a inscrição com o auxílio de um amigo e dos que seguravam minha cadeira de rodas. Chegar até a faculdade, no curso que eu desejei de bacharelado em Serviço Social, não foi nada fácil, em 2017. E permanecer tornou-se meu maior desafio.”

“Faltando apenas um ano para conclusão do curso, faço aqui um "desabafo". A chegada até a Universidade, ter um curso superior e uma formação acadêmica sempre foi

Entrevista com Betânia Barbosa

meu maior sonho; mas os desafios são desmotivadores, por falta de acessibilidade e segurança em quase todo o campus Maceió.”

“Não temos segurança para chegar nem para sair. Falta passagem de pedestre segura por baixo da passarela, sinalização sonora, sinalização em braille, rampas com a inclinação adequada adaptada aos ambientes, faltam calçadas com piso tátil, barras de segurança nos ambientes de circulação de pessoas, falta material adaptado em tempo hábil, mais profissionais com qualificação para atender de maneira justa e correta esses discentes com deficiência. Falta parada de ônibus segura, com proteção de sol e chuva, assentos e lugares específicos para cadeira de rodas, falta uma sala do tipo enfermaria, para auxiliar dando suporte a alunos que precisam realizar o procedimento de sondagem vesical conhecida como passar a sonda de alívio, procedimento que só pode ser realizado com segurança e higiene com a pessoa deitada de maneira confortável, pois eu sou uma aluna que preciso desse lugar, porque nunca conseguirei usar os banheiros da universidade por falta de acessibilidade. E, por fim, falta de transporte público de qualidade, tanto para discentes da capital quanto do interior.

“(…) Mesmo com conquistas, continuamos frequentando insistentemente um lugar nosso por direito, por lei, mas cheio de restrições e barreiras atitudinais e tecnológicas. Eu sou uma das muitas vítimas de pessoas com deficiência que se machucaram ao cair ou escorregar na falta de um acesso seguro, junto da falta de respeito por parte dos nossos/as representantes dentro e fora da Universidade Federal de Alagoas.”

“Dentre tantas faltas apresentadas neste relato, eu coloco a falta de respeito e empatia a nós PCDs, como maior barreira de acesso dentro e fora dos campi universitários.”

Ione Miranda: Como você descreve a importância e as contribuições dos movimentos sociais para a sociedade? Pensando na afirmação e na necessidade de respeito à Diversidade Humana e o combate à vulnerabilidade decorrente das desigualdades sociais?



MOVIMENTOS SOCIAIS: NARRATIVAS DE LUTAS, DE DIREITOS E DE JUSTIÇA SOCIAL

Temática de Extensão:
DIREITOS
HUMANOS &
JUSTIÇA

Entrevista com Betânia Barbosa

Betânia Barbosa: “É fundamental destacar a importância e as contribuições que alguns movimentos sociais têm realizado voltado para o tema. Afinal de contas, para se chegar ao conhecimento da massa, precisamos que a sociedade acolha os movimentos minoritários, também. Através desses movimentos, passamos a ter visibilidade nas mídias. Ouso a dizer que tais movimentos fazem com que nossas vozes ecoem, fomentando, assim, de maneira direta e positiva, às significantes conquistas que nós, enquanto pessoas com deficiência, já conquistamos. Por eles, divulgam as barreiras diárias que persistem nos dias atuais em torno da sociedade, em especial na educação, no lazer, e na saúde.”

“Maceió, hoje, conta com muitas instituições e também associações: a Associação dos Deficientes Físicos de Alagoas (ADEFAL), Associação dos Amigos e Pais de Pessoas Especiais (AAPE), a PESTALOZZI, entre outras que prestam assistência em várias áreas, um papel de fundamental importância para as Pessoas com Deficiência, como inclusão social e reabilitação, tendo foco não apenas na saúde. São, dentre outras, ONGs que fazem um trabalho muito importante e que contribuem de maneira significativa para melhorar a qualidade de vida dessas pessoas em Maceió e outras regiões do Estado. Intensificando tanto no cuidado pessoal, físico, psicológico com a família e cuidadores quanto com a preocupação em inseri-los no mercado de trabalho em vários segmentos da sociedade.”

“(…) Não podemos romantizar, esses movimentos também mostram a parte negativa, que em sua grande maioria são pessoas que não tiveram a oportunidade de serem orientadas de maneira correta com relação aos seus direitos como mãe com relação aos seus filhos PCDs, situações que ainda promovem a desigualdade social.”

“Assim, o que nós buscamos e precisamos é de um olhar diferenciado com posicionamentos que transformem essa resistência em mais conquistas dando um novo sentido para quem precisa viver com limitações e falta de mais políticas públicas e o mais importante, efetivação dessas políticas que precisam ir para além das propostas e das intenções e precisam fazer a diferença na vida de nós, pessoas com deficiência, seja ela qual for. Onde a falta de respeito em fazer com que as poucas conquistas cresçam e apareçam, o que precisamos é de políticas públicas mais rígidas e eficazes que atendam as necessidades dos PCDs.”



**MOVIMENTOS SOCIAIS:
NARRATIVAS DE LUTAS, DE DIREITOS E DE JUSTIÇA SOCIAL**

*Temática de Extensão:
DIREITOS
HUMANOS &
JUSTIÇA*

Entrevista com Betânia Barbosa

“Se a culpa é do município, estado, do país, ou de instituições públicas ou privadas, cabe aos nossos representantes e governantes se articularem na tentativa de encontrar soluções que possam eliminar qualquer barreira existente. Estamos falando para mais do que cumprir a Constituição Federal, leis e decretos, pois por mais que existam, ainda deixam muito a desejar.”

Maceió (AL), dezembro de 2023.

Entrevista feita em OUT/2023

por **IONE MARIAH DE SOUZA MIRANDA**

Estudante de Psicologia /Ufal

Membro do Projeto de Extensão “ História para contar/2023

Revisada por

por **ALEX SOUSA DE OLIVEIRA**

Edição e Layout por

KIM PATRICE SANTIAGO SARMENTO

Aprovada em JAN/2024 / Revisada em FEV/2024/ Publicada em FEV/2024